

QUANDO O SANGUE SILENCIA

Ligeiras observações sobre Drácula: o vampiro da noite, de Bram Stoker¹

CARLOS RIBEIRO

Muitas coisas nos vêm à cabeça à simples menção da palavra sangue. Para alguns, de muito espírito científico e pouca imaginação, bastará, talvez, a linguagem fria e técnica da biologia e dos dicionários. Sangue é um “Líquido vermelho composto de plasma e glóbulos vermelhos e brancos, que circula através do sistema vascular principal dos animais vertebrados, conduzindo matéria nutritiva e oxigênio aos tecidos do corpo”².

Devemos reconhecer, entretanto, a riquíssima carga semântica desta palavra, adquirida e acumulada ao longo do tempo, bem como suas inumeráveis ramificações na política, nas artes, na literatura. E na linguagem popular. Sangue é vida, é seiva. Meu *rei*, tu é sangue bom. Mulher é bicho esquisito, todo mês sangra. Ele ouviu a voz do sangue. Não deixe o sangue subir à cabeça; se não tomar cuidado, vai correr sangue. Aquela ingrata vai chorar lágrimas de sangue. Ele tem sangue frio. Ela tem sangue azul. Eu não tenho sangue de barata.

Consta no Velho Testamento que, após ter matado seu irmão, com um violento golpe na cabeça, Caim apresentou-se ao Pai, Adão, que indagou: “Onde está seu irmão Abel?” Ele respondeu: “Não sei. Acaso sou o guarda do meu irmão?”. E, disse então, severamente, o Senhor: “O que fizeste? Ouço a voz do sangue do teu irmão, clamando da terra por vingança! Agora serás amaldiçoado pelo próprio solo que engoliu o sangue do teu irmão, derramado por ti. Quando cultivares o solo, ele te negará o sustento e virás a ser um fugitivo, errante sobre a terra”³.

O que podemos inferir das terríveis palavras de Adão? Como elemento físico, biológico, material, o sangue retorna ao pó – mas, não nos enganemos, ele é mais,

¹ Texto elaborado para uma série de palestras sobre vampiros, promovida pela Fundação Pedro Calmon, em escolas de segundo grau da rede pública de Salvador, em 2011.

² Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, versão digital.

³ Bíblia Sagrada. Coleção Folha: Livros que mudaram o mundo. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010, p. 14/15.

muito mais do que plasma, glóbulos brancos e glóbulos vermelhos. Ele tem voz... e clama!

O sangue percorre páginas de todas as obras fundadoras, no Oriente e no Ocidente. E transborda, em fluxos contínuos e infindáveis, nos clássicos da literatura. Tomemos, rapidamente, alguns exemplos.

No Canto XII, de sua *Divina Comédia*, Dante refere-se a um hediondo “rio de sangue” no qual sofrem duras penas aqueles que, em sua vida terrena, derramaram sangue dos seus semelhantes. (Lembremos que, guiado pelo poeta Virgílio, ele desce “à região do padecer eterno”, onde, após encontrar o Minotauro, atravessa uma área coberta de pedras que cedem aos seus pés. Assustado, ouve ele do seu guia, as seguintes palavras: “Não te assuste esse monte de pedras soltas, reino da fera brava que há pouco silencieei. É bom que saibas: da outra vez que desci ao Baixo Inferno, essa montanha ainda não havia ruído. Mas pouco antes de vir – se bem distingo – Aquele que a Dite tornou valiosa presa no primeiro círculo, o vale tremeu tão fortemente e abalou o mundo inteiro de modo tal que pensei ocorrer uma nova Criação, pois muitos creem que várias vezes o mundo voltou ao Caos. Mas olha para o vale, já se vê o rio de sangue (Flegetonte) onde sofrem os homicidas”⁴.

Em *Crime e castigo*, de Fiódor Dostoievski, o jovem e conturbado Raskholnikov, fiel à sua concepção do homem ideológico, acredita no “direito ao crime” do homem superior. Do homem que, assim como ele mesmo, justificaria o assassinato de seres inferiores, em nome de um ideal. Assassina uma velha usurária, Aliona Ivanovna, (e a irmã dela, Lisavieta), roubando-lhe uma cigareira de prata. E o faz a golpe de machado, desferido “na saliência do crânio”. Na sequência do assassinato, ele deixou “a machada no chão, ao lado da morta, e começou imediatamente a revistar os bolsos, procurando não manchar as mãos no sangue que jorrava.”⁵

Quando Luís da Silva estrangula Julião Tavares, no romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, o sangue não escorre da vítima, que amunheca, “vencido pelo próprio peso,

⁴ ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: Abril Cultural, 1981, p. 60. Trad. Hernâni Donato.

⁵ DOSTOIEVSKI, Fiódor M. *Crime e castigo*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 93. Trad. Natália Nunes.

esmorecendo, escorregando para o chão coberto de folhas secas, amortalhado na neblina”⁶, mas do agressor, cujas mãos cortadas pela corda que utilizara no crime, sangram impiedosamente. E que, tal como no sangue derramado por Caim, clama, se não por vingança, mas por Justiça. E a condenação não vem mais da Lei, mas de dentro, da consciência do próprio criminoso que pune a si mesmo, pelos caminhos não menos terríveis da loucura.

Podemos lembrar ainda o personagem Sangrador, do romance *Corpo vivo*, de Adonias Filho. Diz o escritor:

“É [ele, o Sangrador] quem corta a cabeça dos mortos para mostrá-las a Cajango. Não se poupa, entretanto, nos combates. Isolado, não se unindo a ninguém – nem mesmo a Chico das Bonecas –, sua arma preferida é a faca. Não é um homem que salta, é um orangotango que endoidece à vista do sangue. Foi ele, na Barra de São José, quem matou os meninos. Cajango estava na beira do rio, tinha Inuri a seu lado, quando padrinho Abílio veio correndo. ‘O sangrador está matando os meninos!’, gritou. Correu Cajango e eu o acompanhei mas, quando atingimos o largo, era muito tarde. A bruxa velha, aquela Hebe que anda como uma alma penada, já exclamava e sua voz parecia sair do fogo que incendiava o povoado: ‘Mataram os passarinhos de Deus!’”⁷.

Sangue é vida, sim, enquanto corre silenciosa e invisivelmente pelas veias. Derramado torna-se indício, prova, mancha que denuncia e que se procura apagar. Raskholnikov pilha os bolsos da velha, “procurando não se sujar do sangue que escorria”. Luís da Silva, metido em delírios persecutórios, enterra-se no seu miserável casebre. O criminoso sempre procura não se sujar do sangue que escorre. Os condenados de Dante, o jovem estudante de Dostoievski, o funcionário público de Graciliano, o Sangrador de Adonias são criminosos. Mas são homens, e, para eles, há a possibilidade da redenção.

Mas há outra classe de personagens também associados ao sangue, e à morte. Estes não deixam, após sua passagem, a mancha acusativa que atormentam os heróis

⁶ RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 238.

⁷ FILHO, Adonias. *Corpo vivo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 49/50.

trágicos. São os vampiros. Eles não pertencem à estirpe dos sangradores. Em vez de sangrar, sugam, evitando que o sangue retorne ao pó e que de lá possa clamar. É quando o sangue da vítima, transferido ao organismo do agressor, trai sua própria linhagem. E silencia.

Drácula – O vampiro da noite, do escritor britânico Bram Stoker (1847-1912), é o mais famoso livro de vampiros de todos os tempos. Lançado em 1897, narra a história do Conde Drácula, habitante de um castelo localizado na zona rural da longínqua Transilvânia, região atrasada da Europa Central. Inicia-se com a viagem do jovem advogado Jonnathan Harker, de Munique com destino ao Castelo do Conde, onde iria fechar um negócio milionário: a venda de uma mansão em Londres.

Toda a primeira parte do romance, a meu ver a mais fascinante, e à qual me restringirei, nesta palestra, é o registro encontrado no diário de Harker, que, num estilo vivo e vibrante, apresenta informações geográficas e históricas, bem como descrições das paisagens e dos costumes dos habitantes dos Cárpatos. Anota a característica marcante daquele povo, habitante da zona rural: a generosidade e a cortesia. Mas também um caráter fortemente supersticioso, que se manifesta, com maior ênfase, no momento em que o viajante, numa estalagem, fala pela primeira vez o nome do Conde Drácula.

Com grande habilidade, Bram Stoker promove, numa narrativa até então realista, a introdução gradual do elemento fantástico: na reação das pessoas, no cenário que vai se tornando cada vez mais selvagem e inóspito, no encontro com o cocheiro enviado pelo Conde para buscá-lo numa região deserta (e que depois viria saber que era o próprio Conde disfarçado), na força descomunal e no domínio deste sobre os lobos, na chegada ao Castelo, onde finalmente é recebido por Drácula, assim descrito: rosto enérgico, grosso bigode branco, nariz fino, dentes brancos particularmente afiados, orelhas pontudas, mãos grosseiras com pelos no centro das palmas.

A permanência de Jonnathan Harker no Castelo do Conde revela a percepção gradual de que não era um hóspede, e sim um prisioneiro. Consciência que nasce, pouco a

pouco, de ocorrências bizarras e extraordinárias, como a que é relatada no seguinte trecho:

Dormi apenas poucas horas quando fui para a cama e, sentindo que não poderia dormir mais, levantei-me. Pendurara meu espelho de barbear junto à janela e principiava a fazer a barba. Súbito, senti que alguém colocava a mão sobre o meu ombro e ouvi a voz do Conde, que me desejava bom dia. Assustei-me, pois me perturbara o fato de que não o vira, uma vez que o espelho refletia todo o aposento atrás de mim. Eu me havia cortado ligeiramente ao principiar a raspagem da barba, mas não o notara no momento. Tendo respondido ao cumprimento do Conde, voltei-me para o espelho novamente, a fim de verificar como me enganara. Porém desta vez não via a possibilidade de erro: o espelho não revelava homem algum junto de mim, mas eu podia vê-lo sobre o meu ombro! Todo o quarto atrás de mim se projetava no espelho, porém nele não havia sinal de homem, a não ser eu mesmo. Isso era assustador e, somado a tantas outras coisas fantásticas, principiava a aumentar aquela vaga sensação de insegurança que eu sempre sentia quando o Conde estava próximo. Entretanto, naquele instante, vi que o corte sangrava ligeiramente e que o sangue escorria para o meu queixo. Larguei a gilete e, ao fazê-lo, dei meia volta procurando um esparadrapo. Quando o Conde viu meu rosto, seus olhos fuzilaram com uma espécie de fúria demoníaca e súbito deu um bote para agarrar o meu pescoço. Afastei-me e suas mãos tocaram as contas que seguravam o crucifixo. Aquilo produziu-lhe modificação instantânea, pois a fúria passou tão rapidamente, que mal pude acreditar que lá estivera.

– Cuidado – disse ele –, cuidado ao cortar-se. Neste país, é muito mais perigoso do que pensa. – Depois, apanhando o espelho, prosseguiu: – O responsável pelo acidente foi este objeto malvado. É um instrumento repugnante e inútil da vaidade humana. Fora com ele!

E, abrindo a pesada janela com um arranco de sua terrível mão, atirou fora o espelho, que se espatifou em mil pedaços nas pedras do pátio muito embaixo.⁸

Vê-se aí três características do vampiro: seu gosto pelo sangue, a impossibilidade do espelho refletir sua imagem, o medo de objetos sagrados, como o crucifixo. Outras

⁸ STOKER, Bram. *Drácula, o vampiro da noite*. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 41. Trad. Maria Luísa Lago Bittencourt.

viriam a ser explicitadas ao longo do livro: a imortalidade, o domínio sobre animais selvagens, a capacidade de se transformar em lobos e morcegos. Seus poderes cessam com a luz do dia, só morrem se lhes for enfiada uma estaca no coração e se lhes cortar fora a cabeça.

Logo, o desditoso Jonnathan descobrirá que o castelo é habitado por mais três sedutoras vampiras que possuíam brilhantes dentes brancos que luziam como pérolas em contraste com os rubis de seus lábios sensuais. Ao lado “do anseio mau e ardente de que me beijassem com aqueles lábios vermelhos”, percebeu que era, na verdade, o cardápio de um banquete de sangue. Salvo pelo Conde Drácula, que ainda necessitava de seus serviços como advogado e não como vampiro,

Termina o primeiro capítulo com a fuga de Jonnathan “deste amaldiçoado lugar e deste país perdido, onde o demônio e seus filhos caminham com pés humanos!”. Iniciando-se, a segunda parte da história, já em Londres, narrada agora pelo diário de Mina Murray, noiva de Harker; prosseguindo com cartas, diários e relatórios dos demais protagonistas da trama: Lucy Westenra, amiga de Mina; dr. Seward, Quincy P. Morris. Dr. Van Helsing. Os dois principais antagonistas da história não tem relatos próprios: dr. Van Helsing e o Conde Drácula.

Pode-se ler este romance como uma luta entre o Bem e o Mal, como uma cruzada religiosa, como expressão literária da sexualidade reprimida no período Vitoriano, como um estudo simbólico da sexualidade reprimida e frustrada transformada em agressão, como representação de forças estranhas que emergem do inconsciente e assumem forma material, ou como a mais feliz expressão literária de acontecimentos reais que engrossavam a tradição do fantástico nas ilhas britânicas no século XIX.